

# Das mediações às latências: Etnocentrismo e poder na apropriação de Jogos Vorazes no Brasil

*From mediations to latencies:*

*Ethnocentrism and power in the appropriation of  
Hunger Games in Brazil*

**Julherme José Pires**

Doutorando em Ciências da Comunicação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos). Graduado em Jornalismo e com Especialização em Cinema e Realização Audiovisual pela Universidade Comunitária da Região de Chapecó (Unochapecó). Atualmente integra o Grupo de Pesquisa Processos Comunicacionais: epistemologia, mediação, mediações e recepção (Processocom) e a Rede Temática de Cooperação Científica: Comunicação, Cidadania, Educação e Integração na América Latina (Rede AMLAT). Email: julherme.pires@gmail.com.

**Submetido em: 18/07/2016**

**Aceito em: 20/11/2016**

**Alberto Efendy Maldonado  
Gómez de la Torre**

Doutor em Ciências da Comunicação pela USP, professor/pesquisador do PPGCC-UNISINOS. Titular da Cátedra Armand Mattelart, CIESPAL, pesquisador CNPq, investigador Prometeo CIESPAL, membro do Colégio de Brazilianistas INTERCOM, coordenador da Rede AMLAT, coordenador do grupo de pesquisa PROCESSOCOM. Consultor CAPES, CNPq, Fapergs, ALAIC, Humboldt, Universidad Complutense de Madri, Universidad Autónoma de Barcelona. Email: efendymaldonado@gmail.com.

**PERSPECTIVA**

## RESUMO

A problemática do sujeito em processos de comunicação está cada vez mais complexa para a compreensão do campo científico. Este artigo tem por objetivo problematizar uma experiência transdisciplinar de pesquisa, que encontrou na articulação entre os conceitos de mediação, de Jesús Martín-Barbero, e de latência, de Hans Ulrich Gumbrecht, uma fonte metodológica fecunda. Notamos, em campo, que os sujeitos atribuem sentidos da narrativa a terceiros, espaços e tempos imaginados que se realocam diante de suas próprias experiências de vida. Essas relações dão a ver mediações presentes no processo comunicativo e latências que permanecem ocultas, mas que formulam concepções e modos de vida. Nossa abordagem se dá partir da presença da série transmidiática *Jogos Vorazes* no Brasil, um caso exemplar de como narrativas nortenhas constroem outras culturas, num espectro de etnocentrismo.

**PALAVRAS-CHAVE:** mediações; latência; processo comunicativo; sujeitos; etnocentrismo.

## ABSTRACT

The problem of the subject in the communication process is increasing the complexity for understanding by the scientific field. This article aims to discuss a transdisciplinary research experience, which found in the articulation between the concepts of mediation, by Jesús Martín-Barbero, and latency, by Hans Ulrich Gumbrecht, a fruitful methodological source. We have noticed in the research field that the subjects attribute meanings of narrative to third parties, spaces and imagined times to relocate on their own life experiences. These relations show mediations present in the communicative process and latencies that are hidden, but that formulate conceptions and ways of life. Our approach comes from the presence of the transmedia series *The Hunger Games* in Brazil, a case of how northern narratives constrain other cultures, in an ethnocentrism spectrum.

**KEYWORDS:** mediations; latencies; communicative process; subject; ethnocentrism.

DOI: [HTTP://DX.DOI.ORG/10.29146/ECO-POS.V20I13.3481](http://dx.doi.org/10.29146/ECO-POS.V20I13.3481)

**DAS MEDIAÇÕES ÀS LATÊNCIAS: ETNOCENTRISMO E PODER NA APROPRIAÇÃO DE JOGOS VORAZES NO BRASIL**

**JULHERME JOSÉ PIRES, ALBERTO EFENDY MALDONADO GÓMEZ DE LA TORRE**

## 1. Mediações

Não é preciso nos estender aqui na formulação de uma “prova teórica” sobre a potência do cinema e da literatura, e das mídias em geral, na formação discursiva da linguagem e da cultura das sociedades no século XXI. As ciências da comunicação já argumentaram com pertinência sobre esse assunto. Não obstante, é importante esclarecer em que intensidade e com que dimensões de participação as mídias têm nessa moldagem, visto que elas estão intimamente ligadas com a vida, tanto em termos técnicos, quanto estéticos.

Em primeiro lugar, toda concepção artístico-comunicativa é um prospecto do mundo; “a mimesis<sup>1</sup> é a criação resultante da desrealização do real” (Cunha, 1976, p. 110). De Val dançando na piscina, em *Que horas ela volta?* ao político que conspira para explodir Nova York e se tornar presidente dos EUA, na primeira temporada de *Heroes*. Todas são projeções poéticas na parede da caverna, das formas que interagem fora dela<sup>2</sup>. “A obra épica e a romanesca surgem invariavelmente do cabedal de observações sobre o mundo real concreto que serve de manancial para a criação do cosmo artístico” (Ibidem, p. 111). O “jogo comunicacional” ocorre no embate e na confluência: tanto o sujeito constrói sentido baseando em suas próprias experiências, quanto as obras são construídas a partir de perspectivas e experiências de seus produtores. Essas experiências, esse mundo de alteridade que acompanha a produção dos sujeitos e dos artistas, mostram-se chave do caminho para entender o processo comunicativo como um todo. A simples articulação entre obra e sujeito é provisória, já que “os vários universos culturais nascem sem dúvida, de um contexto histórico-econômico e tornar-se-ia bastante difícil compreender a fundo os primeiros, sem relacionar com os segundos” (Eco, 1991, p. 34). E tudo que está além desses dois pontos, obra e sujeito, escondidas sobre o espectro da história, da memória, da tecnologia, estão as mediações:

As histórias dos meios de comunicação continuam – com raras exceções – dedicadas a estudar a “estrutura econômica” ou o “conteúdo ideológico” dos meios, sem se propor minimamente ao estudo das mediações através dos quais os meios adquiriam materialidade institucional e densidade cultural, e nas quais oscilamos entre parágrafos

1 A *mimesis* é entendida pela autora e seus colegas de pesquisa como o ato de *criação* artística. “O professor Eduardo Portella é categórico: ‘imitar é aqui criar’” (Cunha, 1976, p. 110).

2 Referimo-nos aqui a *Alegoria da Caverna* de Platão (1965).

que parecem atribuir as mudanças históricas à influência dos meios e outros em que estes são reduzidos a meros instrumentos passivos nas mãos de uma classe dotada de quase tanta autonomia quanto um sujeito kantiano (Martín-Barbero, 2009, p. 232).

Na construção da teoria das mediações, Martín-Barbero (2009) voltou às origens das mídias contemporâneas; desconstruiu e criticou teóricos, como Adorno e Baudrillard, que viam na crescente “cultura de massa”, a própria degradação da cultura e a impossibilidade do político (p. 94); articulou as teorias mais avançadas sobre a experiência humana da comunicação e o desenvolvimento do melodrama com a realidade contraditória da América Latina. Para Repoll (2010, p. 149, tradução nossa), as mediações seriam a “pedra angular” dos Estudos Culturais na região<sup>3</sup>. A obra *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*, de Martín-Barbero, traz a grande mudança nos paradigmas teóricos, que se propõe a “pensar a comunicação a partir da cultura, assim como os processos culturais a partir da comunicação” (Ibidem, p. 149). Martín-Barbero (2009) pontua o debate num dos principais trechos do livro: “O eixo do debate deve se deslocar dos meios para as mediações, isto é, para as articulações entre práticas de comunicação e movimentos sociais, para as diferentes temporalidades e para a pluralidade de matrizes culturais” (p. 261). Esse caminho pode não parecer novidade, por sua teorização ter sido ainda na década de 1980, mas ainda carece de problematização nas nossas próprias investigações.

Trata-se, então, de produzir uma pesquisa que leve em consideração todas as pressões e disputas culturais permanentes que se associam na produção da ambiência em que o processo comunicativo acontece, tanto em questão de espaço, quanto de tempo. No nosso caso, a reflexão está voltada à dimensão política desse processo, no Brasil da atualidade. “Não significa introduzir um *tema* a mais num espaço à parte, e sim focalizar o *lugar onde se articula* o sentido que os processos econômicos e políticos têm para uma sociedade” (Ibidem, p. 232, grifos do autor). Para nós, que estudamos sistemas midiáticos (cultura pop: literatura, cinema e internet), Martín-Barbero orienta que a pesquisa implica em “[...] construir sua história a partir dos processos culturais enquanto articuladores das práticas de comunicação – hegemônicas e subalternas – com os movimentos sociais” (Ibidem, p. 233).

É importante destacar que a teoria de Martín-Barbero é uma de nossas principais inspirações

3 As concepções que organizam o pensamento de Martín-Barbero na esfera dos Estudos Culturais, no entanto, são redutoras e inconsistentes, uma vez que o autor não se reconhece nela e nem se apropria de qualquer genealogia teórica produzida no CCCS ou qualquer outra instituição, ou autor específico, dessa “escola”. Trata-se de uma de suas relações transdisciplinares no sentido de compreender a importância e a dimensão dessa teoria para a pesquisa em comunicação na América Latina.

para a formatação desta pesquisa enquanto modelo teórico. Ele afirma que a partir da redefinição dos sentidos de cultura e política, “é fundamental a compreensão de sua natureza comunicativa” (Ibidem, p. 289, grifos do autor). Eis o nosso olhar para o processo comunicativo, enquanto construto da linguagem e enquanto natureza humana de midiaticização. Nós concordamos também, como vimos na construção alternativa até aqui, que o sujeito “[...] não é um simples decodificador daquilo que o emissor depositou na mensagem, mas também um produtor” (Ibidem, p. 289). E outro aspecto são as relações de poder, que para o autor, “é nesse terreno que se articulam as interpelações a partir das quais os sujeitos e as identidades coletivas se constituem” (Ibidem, p. 286). Ressaltamos esses pontos para explicitar nossa preocupação com uma genealogia do conhecimento (nos termos de Foucault, 1984) coerente e comprometida.

## 2. Latências

Gumbrecht (2010) analisa a questão da latência a partir da perspectiva de sua vivência na Alemanha pós II Guerra Mundial. Nascido em 1948, o teórico passou a infância e a juventude sem entender direito o comportamento da sociedade após aquele evento catastrófico para a nação. Já pesquisador, analisando publicações da época, especialmente jornalísticas, ele encontrou discursos que pouco tinham a ver com o conflito. “Sem conhecimento adicional sobre os contextos local e histórico, seria impossível para um leitor imaginar que o *Süddeutsche* (o jornal local) de 15 de junho de 1948 fora escrito, impresso e distribuído numa cidade cujas áreas centrais continuavam devastadas pelos bombardeios aéreos” (Ibidem, p. 304). Essas narrativas midiáticas, somadas ao cotidiano do povo alemão, geravam uma situação de “como se” a guerra simplesmente não tivesse acontecido. “O ‘como se’ do ignorar agressivamente continuou a ser um hábito dos sobreviventes sob condições de vida que se tornaram piores do que qualquer um havia conseguido antecipar” (Ibidem, p. 306). Essa ambiência discursiva do descompasso entre o estado de ânimo histórico da nação alemã e o cotidiano, somado a falta de perspectiva sobre o futuro por falta de análise do presente, deu consistência a um clima de latência.

A latência não se manifesta apenas pela falta de “apoio discursivo” ou de reflexão sobre algum

evento do passado, porque só a linguagem e as relações sociais não dão conta de formularem o cotidiano, porque independentemente destas, as relações de poder que foram geradas a partir da guerra se faziam presentes, “os fatos não desapareceram, mas sim seu impacto e sua ressonância” (Ibidem, p. 313). Ou seja, mesmo com todos os esforços para esquecer, a guerra, a fome (e outras mazelas sociais) e a “crise moral” incidia sob o povo alemão. Gumbrecht conta que a fé na humanidade havia se perdido em algum momento, contudo, “notou Arndt, um intenso – e compreensível – anseio por valores éticos e religiosos substanciais emergia, um anseio por posições às quais se agarrar e através das quais encontrar orientação” (Ibidem, p. 309). A formação da Alemanha (considerando o período em que esteve rachada em duas) era, no final das contas, uma construção histórica e performativa. E naquele momento, era um resultado imediato da II Guerra Mundial. “Conforme o impacto da destruição irreversível caiu no esquecimento, um sentimento de latência rapidamente emergiu para se estabelecer” (Ibidem, p. 313). A latência é, portanto, a confusão entre aquele clima que emerge após o “esquecimento” de um evento ou período histórico e os efeitos materiais desses. A “presença” na teoria de Eelco Runia é a latência, em que “[...] nós estamos certos de que existe algo lá que não conseguimos apreender – e que esse ‘algo’ tem uma articulação material; e, portanto, requer espaço”, ou seja, ele está presente.

Obviamente, nós não sabemos onde aquilo que está latente pode estar. Como nós não apenas não sabemos onde o que é latente está, assim como não sabemos o que ou quem é latente, nós não temos garantias de que possamos reconhecê-lo se ele se mostrar. É claro que o que está latente pode passar por mudanças enquanto permanece inapreensível. Por exemplo, clandestinos não estão isentos de ação. Mais importante: nós não temos razão – ao menos não razão sistemática – para acreditar que o que se tornou latente vá se mostrar algum dia ou ser completamente esquecido (Ibidem, p. 313).

Entretanto, a identificação de latências presentes tem um grande complicador: a falta de um método para interpretação, que ajude a recuperar o que caiu em latência. Mas, então, como Gumbrecht formula a teoria sobre a Alemanha do pós-guerra? A avaliação dos discursos daquelas publicações, dos eventos históricos que presenciou e o cotidiano em que viveu apontam fragmentos dessa história alternativa, perdida no tempo, mas que como um fantasma agride a atualidade. “Algo como um nervosismo violento irrita os mundos de latência pós-Guerra” (Ibidem, p. 313). A partir daí, Gumbrecht

faz uso da palavra em alemão *Stimmung*, que podemos traduzir como “disposição”, “humor” ou até “ânimo”, e que tem origem metafórica associada a “clima” e “atmosfera” – ao que podemos acrescentar “ambiência”. *Stimmung* é justamente aquele clima que dá a ver ou é a própria manifestação da latência. “É um toque físico que nós associamos com alguns sentimentos ‘interiores’” (Ibidem, p. 313). E como explica o autor, a captura desse *Stimmung* “pode nos inspirar a arriscar – sob a impressão de uma ‘disposição’ – hipóteses sobre o que o latente pode ser” (Ibidem, p. 313). Para ele, a partir de uma análise recente, a latência da II Guerra Mundial, no mundo todo, ainda é uma realidade.

Apenas direi que a expectativa e a esperança carregadas pelos momentos subsequentes, durante as últimas seis décadas e meia, de que algo latente viesse à tona e se mostrasse, dessa forma permitindo à humanidade finalmente escapar à longa sombra de uma “disposição”, cujas fontes permanecem não identificadas, que essa expectativa e esperança por um tipo específico de mudança nunca foi realizada (Ibidem, p. 315).

A expectativa de refletir sobre latências como mediações dos processos comunicativos vem das relações possíveis entre o crescimento da popularidade de obras literárias e cinematográficas de distopia com eventos trágicos relacionados à data de 11 de setembro de 2001. Rodrigues (2015) aponta o atentado contra o Pentágono e o World Trade Center, nos EUA, como um propulsor do “pessimismo” nas narrativas literárias. Um gráfico publicado no site *Goodreads*<sup>4</sup> mostra como as obras literárias distópicas estão mais populares neste século do que têm sido em mais de 50 anos. E dentre as obras mais proeminentes está a série transmidiática *Jogos Vorazes* (JV)<sup>5</sup>. A série alcançou maior popularidade no seu país de origem, os EUA. Mas o que faz dela um sucesso em outros lugares do mundo? Certamente imaginar que “11/09/2001” seja a resposta definitiva, é uma generalização. Apesar de um evento impulsionador de uma grande transformação na ordem mundial, eventos catastróficos, grandes desastres e tragédias acontecem com muita frequência em outros lugares do mundo, assim como no Brasil. O mundo que ganha visibilidade por meio da comunicação é um lugar muito perigoso.

Entendemos que todas as artes carregam *Stimmungen*. Vejamos na própria narrativa de JV,

4 BROWN, Patrick. The Dystopian Timeline to The Hunger Games [INFOGRAPHIC]. Goodreads. Disponível em: <<http://www.goodreads.com/blog/show/351-the-dystopian-timeline-to-the-hunger-games-infographic>>. Acesso em: 04 jul. 2016.

5 A série literária escrita por Suzanne Collins é composta pelos títulos: *Jogos Vorazes* (2010), *Em Chamas* (2011) e *A Esperança* (2011), todos publicados no Brasil pela Editora Rocco. A transmediação da série inicia-se com as adaptações cinematográficas, com os seguintes títulos: *Jogos Vorazes* (2012), *Jogos Vorazes: Em Chamas* (2013), *Jogos Vorazes: A Esperança – Parte 1* (2014) e *Jogos Vorazes: A Esperança – O Final* (2015), todos distribuídos no Brasil pela Paris Filmes.

como a trama é criada sob a égide de uma latência. No início do primeiro livro da trilogia, Katniss conta sobre a formação de Panem, o país ficcional da história, e os conflitos que aconteceram entre a Capital e os distritos. Até ali, 75 anos depois dos “Dias Escuros”, um levante do proletariado contra o governo autoritário, as feridas permanecem abertas, mesmo com o esforço da população para seu esquecimento. E os próprios *Jogos Vorazes*<sup>6</sup>, evento ficcional que dá nome à série, por sua vez, dão a ver um *Stimmung*. Essas “veias abertas” dos distritos só se fecharam (ainda que provisoriamente) com o final da guerra que é narrada em *A Esperança*, o terceiro livro. A latência emerge e torna-se a presença predominante, o imaginário popular e recorrente. Mas, agora, qual latência (ou latências) incide no processo comunicativo como mediações históricas? E como essa latência funciona como uma mediação na dimensão política do processo comunicativo?

Foram os questionamentos pessoais de Gumbrecht em relação a II Guerra Mundial que instigaram a formulação dessa teoria. Em nosso objeto, JV no Brasil, podemos ver diversos outros eventos históricos atravessando o fenômeno pesquisado. Latências escondidas que produzem sujeitos, obras e processos comunicativos diversos. Essas latências podem ser “acessadas” através de *Stimmungen* que aparecem na atualidade, e que perpassam a imagem/tema de JV em confronto com a dimensão dos sujeitos no processo comunicativo. Aqui nos referimos à concepção central da teoria de Eisenstein (1990), em que elementos montados “em justaposição, fazem surgir a imagem na qual o conteúdo do tema é corporificado da forma mais clara” (p. 17). Nossa pesquisa aponta que a imagem/tema de JV é a relação entre a guerra e o espetáculo midiático.

Logo após a sequência de abertura do documentário *Capitalismo: Uma História de Amor*, de Michael Moore, entra uma cena de outro filme, a abertura de *Life in Ancient Rome* (A Vida na Roma Antiga, 1964), documentário de William Deneen, em que o narrador didaticamente explica:

Roma era a maior e mais bela cidade do mundo. Contudo, a magnífica fachada do império não ocultava as sementes da decadência. A forma imoral como a economia dependia dos escravos, a disparidade entre ricos e pobres. Por trás do esplendor do Fórum, havia vastidões de bairros degradados. As oportunidades para escapar da pobreza eram poucas, pois os trabalhos eram raros, praticamente nenhum para aqueles

6 “As regras dos Jogos Vorazes são simples. Como punição pelo levante, cada um dos doze distritos deve fornecer uma garota e um garoto – chamados tributos – para participarem. Os vinte e quatro tributos serão aprisionados em uma vasta arena a céu aberto que pode conter qualquer coisa: de um deserto em chamas a um descampado congelado. Por várias semanas os competidores deverão lutar até a morte. O último tributo restante será o vencedor” (Collins, 2010, p. 24).

não qualificados. Para manter entretidos os cidadãos ociosos, eram realizados jogos e espetáculos, pagos com dinheiro público. De início, apenas corridas de quadrigas eram patrocinadas. Mas na época de Trajano, os combates brutais até a morte haviam se tornado populares. No início da história de Roma, o poder era exercido por representantes eleitos. Mas nesta altura, todas as funções do governo haviam sido absorvidas pelo imperador, que estava acima da lei e governava por decreto. É surpreendente como um povo tão civilizado como os romanos, com o sistema de leis mais humano alguma vez já concebido, pudesse tolerar a violação de seres humanos como punição. Isso e o comportamento irresponsável das autoridades públicas viriam a ser motivos importantes para o declínio de Roma (*Capitalismo: uma história de amor*, 2009, tradução nossa).

Não é apenas uma inserção crua, as imagens do filme originais são intercaladas com imagens “proporcionais” da atualidade estadunidense, na montagem de Moore. No trecho em que o narrador diz “na época de Trajano, os combates brutais até a morte haviam se tornado populares”, por exemplo, uma cena de luta de MMA<sup>7</sup> aparece na tela. Moore, com essa inserção, assim como Suzanne Collins, quando costura referências da antiga Roma na estética narrativa de JV, não procura expor disposições de um clima de latência, mas possivelmente uma comparação histórica. No fundo, os dois transmitem a mensagem de que isso já acontecera no passado e “olha o fim que teve”. Um alerta sobre a relação de “Dias Escuros” com a atualidade de Panem. Ao encarar as informações que dispomos, podemos vislumbrar um mundo cíclico, entre a diferença e a repetição, e formado pela justaposição de toda sua construção histórica. Se compararmos a história do mundo a um filme, teremos a soma de seus elementos como um resultado, “a imagem do mundo”. Logo, o período romano, torna-se importante porque ressoa nos dias atuais, e não apenas como referência para comparação, mas enquanto ânimo e atitude. Ou seja, quando vemos o MMA na televisão, a sensação é que se trata de um *Stimmung* oferecendo uma pista sobre essa latência. Moore e Collins acabam, mesmo que sem querer, ofertando a visualização dessas disposições a partir de suas próprias montagens.

Por fim, identificamos que a latência, enquanto processo histórico que carrega uma presença para além do sentido é a mediação articuladora essencial do processo comunicativo que investigamos. Para Martín-Barbero (2009, p. 233), a cultura é “onde se articula o sentido que os processos econômicos e políticos têm para uma sociedade”. Hall (1997) concorda com Martín-Barbero quando explica que

7 “Artes Marciais Mistas” (*Mixed Martial Arts*) é uma luta popular de ser vista pela televisão, tanto nos Estados Unidos quanto no Brasil.

nossas identidades são formadas culturalmente e a cultura “[...] nos governa – ‘regula’ nossas condutas, ações sociais e práticas e, assim, a maneira como agimos no âmbito das instituições e na sociedade mais ampla” (p. 39). E a cultura é formada por latências e “memórias conscientes”, mesmo que essas memórias sejam recheadas de latência. O Vietnã, por exemplo, tem museus e artefatos históricos ligados à guerra distribuídos por todas as províncias, mas mesmo assim, o clima de latência impera, uma vez que a população vive com a materialidade da guerra como se ela não existisse. Um conflito constante entre o vácuo de conhecimento e a materialização do sentimento, ou vice-versa. A dimensão política, objeto que nos interessa, tanto em JV quanto nos sujeitos brasileiros, tem sua formação nessas latências, a partir desse diálogo entre as mediações latentes das relações de poder e outros devires históricos.

### Modernização contraditória

O 8º Título da *Constituição Brasileira de 1824*<sup>8</sup> é dedicado às “disposições gerais e garantias dos direitos civis e políticos dos cidadãos brasileiros”. Mesmo com esse documento constitucional, que continha parte do que se alinhava aos “direitos humanos” desenvolvidos no mundo até então, e após dois anos da independência de Portugal, o Brasil ainda era adepto do regime escravocrata. A Lei Áurea, que extingiria de vez a escravidão no país, só viria em 1888. Este caso, citado por García Canclini (2008, p. 76), é exemplar para explicar as contradições presentes no desenvolvimento histórico, ou, como se refere o autor, na “modernização da América Latina”.

A leitura de García Canclini sobre essa modernização pode ser vista pela ótica da dependência, de uma modernidade importada e vendida à população. Trata-se de uma reprodução, uma máscara, “um simulacro urdido pelas elites e pelos aparelhos estatais, sobretudo os que se ocupam da arte e da cultura, mas que por isso mesmo os torna irrepresentativos e inverossímeis” (Ibidem, p. 25). A preocupação do autor em refletir sobre essa modernidade dá a ver o conceito de pós-modernidade, como uma maneira de problematizar o mundo moderno, “[...] os vínculos equívocos que ele armou com as tradições que quis excluir ou superar para constituir-se” (Ibidem, p. 28). A pesquisa que busca entender, nesse sentido, o processo comunicativo e o sujeito brasileiro e latino-americano em comunicação, como a que estamos

8 NOGUEIRA, Octaciano. 1824. Brasília: Senado Federal, Subsecretaria de Edições Técnicas, 2012. Disponível em: <[https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/137569/Constituicoes\\_Brasileiras\\_v1\\_1824.pdf](https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/137569/Constituicoes_Brasileiras_v1_1824.pdf)>. Acesso em: 4 jul. 2016.

desenvolvendo, precisa, essencialmente, ser pós-moderna.

Temos presente que neste tempo de disseminação pós-moderna e descentralização democratizadora também crescem as formas mais concentradas de acumulação de poder e de centralização transnacional da cultura que a humanidade conheceu. O estudo das bases culturais heterogêneas e híbridas desse poder pode levar-nos a entender um pouco mais sobre os caminhos oblíquos, cheios de transações, pelos quais essas forças atuam. Permite estudar os diversos sentidos da modernidade não apenas como simples divergências entre correntes, mas também como manifestação de conflitos não resolvidos (Ibidem, p. 30).

A abordagem através das “culturas híbridas”, um estudo social das artes e das culturas, pode-se assim dizer, evidencia a imagem latino-americana, a construção que buscamos entender e articular com nosso objeto. Para García Canclini, a modernidade da América Latina é uma mistura do “modernismo exuberante com uma modernização deficiente” (Ibidem, p. 67). Ele contextualiza resgatando o princípio de que os países latino-americanos foram colonizados pelas nações europeias mais atrasadas, especialmente, Portugal e Espanha, e que foram submetidos às leis destes e a processos políticos “antimodernos”<sup>9</sup>. A subserviência do novo continente liderou uma história com muitas marcas negativas, construída à base do sangue dos indígenas e do suor dos africanos. Como vemos na literatura de Eduardo Galeano (2011), as estratégias adotadas pelos colonizadores foram montadas justamente para manter a região como escrava e dependente. Essa condição, somada a falta de vontade de uma elite local intimamente ligada à Europa, que vivia “bem servida” em meio ao luxo, em exercer uma política soberana, levou a uma formação que permanece latente na atualidade. As pressões político-culturais (e socioeconômicas) internas e externas fazem do Brasil, em questão aqui, um país que ainda está nesse jogo de submissão internacional e às elites domésticas.

A formação despedaçada dos territórios latino-americanos, por outro lado, é relacionada à submissão dos países europeus. “Enquanto o norte da América crescia, desenvolvendo-se para dentro de suas fronteiras em expansão, o sul, desenvolvido para fora, explodia em fragmentos como uma

---

9 Esse resgate de García-Canclini deve ser ampliado porque apesar de Portugal e Espanha serem a “força de choque” das monarquias europeias para gerar acumulação de capital, as disputas de poder no velho continente depois da Idade Média foram intensas, com sucessivas trocas de governo e redesenho de fronteiras, formatando assim a realidade desses países de maneira muito complexa. Sem contar que depois, mesmo mais “desenvolvida”, a Inglaterra não deixou de explorar o Brasil quando pôde.

granada” (Galeano, 2011, p. 345). Mesmo que aparentemente uma exceção nesse sentido, o Brasil tem um histórico processo de modernização distante de seus modelos, europeu e estadunidense. Temos aqui uma “modernização restrita ao mercado, democratização para minorias, renovação das ideias mas com baixa eficácia nos processos sociais” (Canclini, 2008, p. 69).

Em 2003, Luiz Inácio Lula da Silva, ex-operário e líder sindical, assumiu a presidência dando ao governo uma nova forma. Pela primeira vez, uma pessoa vinda das classes populares chega à presidência do país. Suas estratégias asseguraram a retirada de dezenas de milhões da miséria, amplas políticas de habitação, incluíram negros e mais pobres na universidade através da política de cotas e de financiamento estudantil, aprimoraram a economia do país, ajustando com mais acuidade para o mercado internacional, e aprofundaram os laços com outros países emergentes, numa política externa inclusiva. No entanto, dentre todas essas estratégias, que continuaram no governo de sua sucessora, Dilma Rousseff, do mesmo partido, não houve nenhuma transformação nuclear no modelo político ou econômico. Pelo contrário, ao constituir-se como um governo de coalisão, Lula e Dilma abriram concessões para as elites, os partidos conservadores, os bancos e as multinacionais, que promoviam a corrupção estatal em vários níveis. Mas o principal que interessa aqui é o que Carlos Alberto Libânio Christo (Frei Betto) expôs recentemente em entrevista a Revista Cult:

O erro do Lula foi ter facilitado o acesso do povo a bens pessoais, e não a bens sociais – o contrário do que fez a Europa no começo do século 20, que primeiro deu acesso a educação, moradia, transporte e saúde, para então as pessoas chegarem aos bens pessoais. Aqui, não. Você vai a uma favela e as pessoas têm TV a cores, fogão, geladeira, microondas (graças à desoneração da linha branca), celular, computador e até um carrinho no pé do morro, mas estão morando na favela, não têm saneamento, educação de qualidade. É um governo que fez a inclusão econômica na base do consumismo e não fez inclusão política. As pessoas estavam consumindo, o dinheiro rolando e a inflação sob controle, mas não se criou sustentabilidade para isso. Agora a farra acabou, está na hora de pagar a conta e chama-se o Joaquim Levy [ex-ministro da Fazenda de jan. a dez. de 2015].<sup>10</sup>

10 “A vocação literária de Frei Betto”. Entrevista com Frei Betto. [S.I.]. Revista Cult, [S.I.]. Disponível em: <<http://revistacult.uol.com.br/home/2015/05/a-vocacao-literaria-de-frei-betto/>>. Acesso em 04 mar. 2016. Aqui incluem-se: o processo de impeachment da presidenta Dilma Rousseff, as operações anticorrupção “Lava Jato” e “Zelotes” da Polícia Federal e o projeto de “desobrigação” da Petrobras para explorar o campo petrolífero na “camada do Pré-Sal”.

O filósofo Roberto Mangabeira Unger explica que a “estrutura social” das democracias contemporâneas do ocidente inclui: “regras legais que usam os direitos de propriedade como instrumentos de descentralização econômica; dispositivos constitucionais que garantem representação ao mesmo tempo em que desencorajam a militância” (Unger, 2001, p. 27). Ele ainda afirma que há “um estilo de organização empresarial que separa nitidamente a definição de tarefas da sua execução” (Ibidem, p. 27), o que mostra uma hierarquia pré-democrática. Tanto Betto, no Programa Fome Zero, quanto Unger, como Ministro de Assuntos Estratégicos, trabalharam no governo da “Era Lula”. Ambos deixaram o posto por desalinhamento com os governantes e expõem as fragilidades do governo, que – e isso fica claro para nós – não transformaram a base, não tocaram na estrutura nuclear do país (numa admissão clara de suas latências), fazendo apenas mudanças superficiais. Elas podem ter mudado a vida de milhões de pessoas, mas não foram suficientes para divorciar o Brasil de suas raízes latifundiárias. E, agora, mais do que nunca, diante dos fatos que acontecem durante a escrita deste artigo, mostram-se facilmente ameaçadas pela instabilidade política fruto desse jogo da “governabilidade”.

As questões que García Canclini formula são centrais para conduzir nossa perspectiva:

*Se o modernismo não é a expressão da modernização socioeconômica mas o modo como as elites se encarregam da intersecção de diferentes temporalidades históricas e tratam de elaborar com elas um projeto global, quais são essas temporalidades na América Latina e que contradições seu cruzamento gera? Em que sentido essas contradições entorpeceram a realização dos projetos emancipador, expansionista, renovador e democratizador da modernidade? (Ibidem, p. 73, grifos do autor).*

É exatamente neste sentido que levantamos as questões das latências. Não apenas como produções de presença soltas, mas como articuladoras, como mediações, que constroem, formulam e posicionam as dimensões culturais e políticas dos sujeitos brasileiros latino-americanos. Obviamente, o direcionamento original da dimensão política de *JV*, tem uma natureza regional, dos EUA. Seu sucesso por lá pode ter sido grande, esta é uma hipótese, por *JV* ter sido lançada nos cinemas bem na época de movimentos políticos que sacudiram o país depois de 2011, como o *Occupy Wall Street* e o slogan “We are the 99%”, que promove o debate sobre a desigualdade social e o privilégio dos mais ricos. Mas, como já vimos, os sujeitos brasileiros, ao assistir, capturam os sentidos produzidos ali e os transferem

(traduzem, convertem) para as suas próprias realidades de vida, suas próprias cosmovisões. Essa “presença do passado” é, portanto, constituidora, medeia o processo e articula sujeito e obra; dimensões políticas e artístico-midiáticas.

García Canclini já deposita algumas respostas no parágrafo seguinte àquelas questões. E elas vêm ao encontro de nossa formulação teórica até aqui ao afirmar que “os países latino-americanos são atualmente resultado da sedimentação, justaposição e entrecruzamento de tradições indígenas [...], do hispanismo colonial católico e das ações políticas educativas e comunicacionais modernas” (Ibidem, p. 73). Havíamos notado que a “montagem” de elementos formadores, nativos e importados, pré-históricos e “civilizadores”, junto dos conflitos, poderiam formar a imagem da América Latina; e até aqui tudo o que relacionamos à região pode ser atribuída à formação brasileira. O autor continua explicando que “apesar das tentativas de dar à cultura de elite um perfil moderno, encarcerando o indígena e o colonial em setores populares, uma mestiçagem interclassista gerou formações híbridas em todos os estratos sociais” (Ibidem, p. 73). Um exemplo disso, como explica a historiadora Denise Argenta no documentário *A Conquista*, de Camila Arruda e Julherme J. Pires, é a bricolagem entre a cultura cabocla e a dos imigrantes brancos, no Oeste de Santa Catarina. “Mesmo que a gente diga, ‘sou italiano’, ou ‘sou alemão’, ou ‘sou teuto-russo’, mesmo que a gente tenha uma afirmação de identidade diversa, nós incorporamos muitos valores, práticas e costumes de quem já moravam aqui, quem estava no espaço” (*Conquista*, 2014).

Mesmo com a independência das nações e um avanço considerável dos campos artístico, industrial e acadêmico da América Latina, no início do século XX, ainda havia o confronto com uma realidade de “[...] analfabetismo de metade da população, e com estruturas econômicas e hábitos políticos pré-modernos” (García Canclini, 2008, p. 74). Havia uma tentativa – aqui, García Canclini recorre à ideia de Schwarz – de “criar um Estado burguês moderno sem romper com as relações clientelistas” (Ibidem, p. 76). O autor ainda questiona se essas relações culturais e sociais contraditórias da elite com sua sociedade seria um resultado direto de sua dependência das metrópoles. Ele responde em seguida, com ajuda de Schwarz, afirmando que “esse liberalismo deslocado e desafinado é ‘um elemento interno e ativo da cultura’ nacional, um modo de experiência intelectual destinado a assumir conjuntamente a estrutura conflitante da própria sociedade, sua dependência de modelos estrangeiros” (Ibidem, p. 77). E o autor conclui afirmando que “o problema não reside em que não nos tenhamos modernizado, mas

na maneira contraditória e desigual com que esses componentes vêm-se articulando” (Ibidem, p. 352). Para Piketty (2014, p. 75), “as economias mais pobres diminuem o atraso em relação às mais ricas na medida em que conseguem alcançar o mesmo nível de conhecimento tecnológico, de qualificação da mão de obra, de educação, e não se tornarem propriedade dos mais ricos”. Fica claro que na história latino-americana poucos esforços agiram neste sentido.

### 3. Jogos Vorazes e o etnocentrismo

Esse dever histórico de “independência dependente” formula uma América Latina refém de uma verdade que não é sua. Como explica Maldonado (2013, p. 95), “o etnocentrismo estadunidense/europeu define-se como superior às outras manifestações e às demais realidades culturais, atribuindo-se o papel de civilizador do mundo”. Vemos que JV se soma a esse coro em vários aspectos, colocando a “maldade” associada a outros governos e regimes: o comunista russo, chinês e o nazismo alemão. Em nossa pesquisa foi possível constatar que estéticas desses regimes políticos históricos foram amplamente reproduzidas na direção de arte das adaptações cinematográficas da série, tanto na propaganda estatal, quanto na arquitetura da Capital (Fig. 1). Apesar de fazer crítica ao consumismo da Capital, essa temática acaba sendo camuflada pela demonstração estética de outros que não do liberalismo, mas sim uma ditadura distópica que aconteceria no lugar dessa sociedade estadunidense atual, com um argumento mais próximo ao de George Orwell, através da fala de um de seus personagens em Revolução dos Bichos: “todos os animais são iguais, mas alguns animais são mais iguais do que outros”.



Figura 1: Montagem com (da esquerda para a direita) a logo da Capital (JV); Parteidler o emblema do Partido Nazista (1935); a praça principal da Capital (JV), onde os tributos desfilam antes da competição; e a Praça Vermelha de Moscou, Rússia.

Em JV, os habitantes da Capital são “os outros”, os inimigos, aqueles que gozam do sofrimento do povo, que se entretém com as mortes dos jovens dos distritos, vivem de luxo e fatura, e assim por diante. Para Sarkeesia (2012), eles são construídos nos livros como aqueles representam a parte da “[...] classe dominante, decadente, superficial e bastante sociopata da sociedade”. E como são construídos visualmente no cinema? Como produto de uma moda extremamente elitista e, o mais problemático, os homens são “afeminados e aparentemente *transgêneros*”<sup>11</sup> (Ibidem) (Fig.2). E para Pimenta (2014), “todo esse universo visual é representado por mulheres hiperfemininas, homens em sua maioria andróginos e pessoas que talvez fossem lidas, neste século, como performers ou mulheres transgêneras”. Enquanto os habitantes da Capital são exibidos assim, os moradores dos distritos “[...] têm a cisgeneridade e o binarismo como suas epistemologias fundantes, sem qualquer lugar para a diversidade sexual e de gênero” (Ibidem). E aqui concordamos com ele quando argumenta que “a falta de experiências contra-hegemônicas nessa dimensão dos distritos – quando postas quase em comparação às extravagâncias e degenerações vividas na Capital – gera um enorme descarrilamento de sentidos sobre o que pode ou não ser entendido como normal” (Ibidem).



Figura 2: Cena de Jogos Vorazes: Em Chamas

11 Neste ponto, o termo usado por Sarkeesia foi *queer*, que na ciência contemporânea – acreditamos que uso de Sarkeesia já é consciente e carrega esta genealogia – refere-se a inversão de valores, de um termo ofensivo, para um termo que desconstrói. Especialmente na teoria de Judith Butler, *queer* incorpora a *teoria da performatividade*, em que “o gênero é performativo porque é resultante de um regime que regula as diferenças de gênero. Neste regime os gêneros se dividem e se hierarquizam de forma coercitiva” (Butler, 2002, p. 64). Ou seja, o *queer* é o “transgênero”, aquele que não se enquadra no “conceito fixo heteronormativo”.

JV é um dos tantos que inundam o cinema hollywoodiano, como mostra a pesquisa de Santos (2015) sobre os vilões da Disney. Na análise, os vilões aparecem como criaturas “sem gênero”, ou na categoria de *queer*, impondo sob seus papéis a performatividade “estranha”, estigmatizada. “Esse esforço de negação do desviante nada mais é que uma tentativa de proteger o mundo conhecido, as relações de dominação que nele se instauram e as categorias rígidas que as sustentam” (Ibidem, p. 116). Essas são evidências, carregadas de latência (homofobia, transfobia e etc. através dos séculos) que mediam o processo comunicativo e que regem as produções de sentido das mídias comerciais. Neste caso, um modo de vida é marginalizado em prol do *way of life* tradicional heteronormativo e cisgênero, porque a regulação das verdades se inicia no íntimo da existência humana, seja no reconhecimento identitário, seja nas afetividades.

Esse sistema narrativo, por meio da mídia e de outros campos sociais, constrói uma visão unilateral do modelo de vida. “Valores, competências, sabedorias, lógicas, conhecimentos, matrizes, modos de vida, costumes, epistemologias, teologias e técnicas de outras culturas são considerados inferiores” (Maldonado, 2013, p. 95). As alteridades são desprezadas, enriquecendo e vendendo esse etnocentrismo em que se cria a verdade. E, como vemos na teoria de Foucault (1984, p. 12), “a verdade é deste mundo; ela é produzida nele graças a múltiplas coerções e nele produz efeitos regulamentados de poder”.

O modelo de vida a seguir seria o *american way of life*, supondo que a estruturação social estadunidense, na sua diversidade, representaria o avanço máximo de vida humana. Essa pretensão etnocêntrica e logocêntrica, a qual dá continuidade aos seculares imperialismos europeus, no campo midiático, tem construído um conjunto de sistemas digitais alternativos de comunicação. [...] O *multicultural* é definido em termos de uma realidade anacrônica que deve ser adequada aos padrões ocidentais. As alteridades sociais e culturais são negadas, sendo-lhes atribuído um caráter conservador que deve ser superado. As filosofias ecológicas, comunitárias, socialistas e libertárias são adjetivadas como ‘formas retardatárias’ do processo civilizador do capital. As tecnologias médicas alternativas orientais, indígenas e populares ainda são reduzidas a crenças ‘inferiores’ do senso comum (Maldonado, 2013, p. 95, grifos do autor).

No estudo sobre cultura de massa, Martín-Barbero (2009, p. 197) explica que os meios de comunicação se tornaram uma mediação importante, “num processo de transformação cultural que não se inicia nem surge através deles, mas no qual eles passarão a desempenhar um papel importante a partir de um certo momento – os anos 1920”. E é justamente a partir dos meios que os EUA difundiram sua cultura e modo de vida pelo globo. O autor ainda mostra que não foi uma transmissão tímida ou neutra, mas sim a geração de uma “universalidade” que foi marca dos produtos midiático-culturais estadunidenses. E neste aspecto nenhuma outra arte ou suporte midiático foi tão decisivo quanto o cinema. “[...] Hollywood fez do cinema uma linguagem ‘universal’ e o primeiro meio massivo de uma cultura transnacional” (Ibidem, p. 206). Talvez, observando suas condições e o propósito comercial de sua produção, seria ingênuo pensar que JV seria diferente.

Felizmente, os sujeitos são comunicantes e não meros receptores. Em nossa etapa mais recente da pesquisa, identificamos que os sujeitos, mesmo os mais jovens, ou que tiveram educação em condições precárias, apropriaram-se das críticas de JV para o seu contexto. Nossa aplicação de questionários e de entrevistas em profundidade evidenciou que nada tem a ver o “11 de setembro” com JV na cabeça de jovens brasileiros. Atualmente, de forma marcante, as associações são direcionadas para o jogo político brasileiro. Para ficarmos com um exemplo, para uns, Dilma Rousseff, a presidenta do Brasil (2011-2016), é Katniss Everdeen, a heroína da história; enquanto para outros, ela é o Presidente Snow, o vilão. Portanto, o movimento metodológico que busca os sujeitos para complementar a pesquisa sobre o processo comunicativo de algum artefato midiático, a análise das latências enquanto mediações, devem tentar localizar as “latências locais” que atravessam o contexto desses sujeitos. Trata-se de um próximo passo, pós-análise contextual da obra e de suas condições de produção e consumo.

#### 4. Considerações finais

Neste artigo, vimos como a proposta de pesquisa “dos meios às mediações”, de Martín-Barbero, altera o curso de pesquisa em comunicação, e que em certos objetos, a união desse conceito com o de latência, de Gumbrecht, possibilita uma perspectiva rica para análise de processos comunicativos, especialmente da cultura de massa – e da cultura pop. Em nossa abordagem, a partir do caso de JV no

Brasil, evidenciamos latências históricas produtoras de sentido e modos de vida em relação a “terceiros” *Jogos Vorazes*, longe da trama proposta por Suzanne Collins. Os sujeitos brasileiros se apropriam da narrativa para pensar seus próprios contextos. Na atualidade, o processo de impeachment da presidenta do país, as operações contra corrupção da Polícia Federal e outras dimensões político-judiciárias, tem sido as associações mais vigorosas. Essas são realidades que por si só já são mediadas por latências, mas que junto de obras midiáticas e das multidimensões dos sujeitos, dão a cara complexa desse processo comunicativo.

Mais uma vez confirmamos a teoria da montagem de Eisenstein para os processos da vida, ao identificarmos o mundo como resultado direto da montagem de sua história. Mesmo que encoberta, a história está (no) presente e constrange suas condições de existência. As latências são mediações, que analisadas a partir de *Stimmungen*, proporcionam novos olhares às ciências da comunicação no século XXI.

### Referências bibliográficas

COLLINS, Suzanne. *Jogos Vorazes*. Tradução de Alexandre D’Elia. Rio de Janeiro: Rocco Jovens Leitores, 2010.

\_\_\_\_\_. *A Esperança*. Tradução de Alexandre D’Elia. Rio de Janeiro: Rocco Jovens Leitores, 2011b.

CUNHA, Helena Parente. Os gêneros literários. In: PORTELLA, Eduardo (Org.). *Teoria Literária*. Rio de Janeiro: Tempo brasileiro, 1976.

ECO, Umberto. *Obra aberta*. Tradução de Giovanni Cutolo. São Paulo: Editora Perspectiva, 1991.

EISENSTEIN, Sergei. *O sentido do filme*. Tradução de Teresa Ottoni. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984.

GALEANO, Eduardo. *As veias abertas da América Latina*. Tradução de Sergio Faraco. Porto Alegre: L&PM, 2011.

GARCÍA CANCLINI, Néstor. *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. Tradução de Heloísa Pezza Cintrão e Ana Regina Lessa; tradução da introdução Gênese Andrade. 4 ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: 2013.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. *Uma rápida emergência do "clima de latência"*. Tradução de Pedro Telles da Silveira. Topoi, Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, p. 303-317, 2010.

HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 22, nº2, p. 15-46, jul./dez. 1997.

MALDONADO, Alberto Efendy. Pensar os processos sociocomunicacionais em recepção na conjuntura latino-americana de transformação civilizadora. In: BONIN, Jiani Adriana; ROSÁRIO, Nísia Martins do (Orgs.). *Processualidades metodológicas: configurações transformadoras em comunicação*. Florianópolis: Insular, 2013a.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. Tradução de Ronald Polito e Sérgio Alcides. 6. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009.

PIMENTA, Tales H. Bichas afetadas: identidade ou degeneração pós-moderna de gênero?. In: *Os Entendidos*, Rio de Janeiro, 24 dez. 2014. Disponível em: <<http://www.revistaforum.com.br/osentendidos/2014/12/24/bichas-afetadas-identidade-ou-degeneracao-pos-moderna-de-genero/>>. Acesso em 25 fev. 2016.

PIKETTY, Thomas. *O Capital no século XXI*. Tradução de Monica Baumgarten de Bolle. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2014.

PLATÃO. *A República*. Tradução de J. Ginsburg. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1965.

RODRIGUES, Paula Martins. *A narrativa distópica juvenil: um estudo sobre Jogos Vorazes e Divergente*. 2015. 92 f. Dissertação. (Mestrado em Letras), Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

SANTOS, Caynnã de Camargo. *O Vilão Desviante: Ideologia e Heteronormatividade em Filmes de Animação Longa-Metragem dos Estúdios Disney*. 2015. 142 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) -- Programa de Pós-Graduação em Estudos Culturais, Escola de Artes, Ciências e Humanidades, Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, 2015.

SARKEESIA, Anita. *The Hunger Games Movie vs. the Book*. In: Feminist Frequency, 2012. (7 min 35 s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=3AilblBXIWU>>. Acesso em 12 fev. 2016.

UNGER, Roberto Mangabeira. *Política: os textos centrais, a teoria contra o destino*. Tradução de Paulo Cesar Castanheira. São Paulo: Boitempo; Chapecó: Editora Argos, 2001.

### Referências filmográficas

*CAPITALISMO: Uma História de Amor*. Direção: Michael Moore. Produção: Alan Moore; Michael Moore. [S.l]: Overture Films; Paramount Vantage; The Weinstein Company; Dog Eat Dog Films, 2009. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=UgstIm2Ee-o>>. Acesso em: 2 mar. 2016.

*CONQUISTA*, A. Direção: Camila Arruda; Julherme J. Pires. Produção: Camila Arruda; Julherme J. Pires. Chapecó: Experiência Audiovisual Universitária; Caju Filmes, 2014. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=KelhclWnOj0>>. Acesso em: 4 jul. 2016.